



Foto Sérgio Borges

Os donos do poder e os que ambicionam ser também poderosos divertem-se na boate Corte

## A doce e amarga vida na Corte

**M**ordomias, privilégios, impunidade para os erros e negociações, grandes festas em que milionários e "especiais" negócios são iniciados, boatos, intrigas, lobbies políticos e empresariais — a Cidade é um mercado paradisíaco em que tudo tem seu preço e o importante é estar bem relacionado, indicar e ser indicado. Saber quem é quem, ter informações precisas e sigilosas sobre cada um significa ter poder sobre as pessoas.

Viver num ambiente assim implica também correr certos riscos: porque sabia demais, o jornalista Alexandre von Baumgarten foi morto a tiros e seu cadáver quase virou comida de peixes. Os aparelhos de escuta telefônica não pouparam nem mesmo os gabinetes do Planalto.

E perigoso, mas parece fascinante para todos os que circulam na Corte e se sentem deslumbrados com seu brilho. E os que são despejados da Corte muitas vezes caem em depressão profunda, como se a própria vida perdesse o sentido. Quem se lembra do ministro Arnaldo Prieto, que se tornou notável por consumir mensalmente toneladas de carne em sua residência?

Como diz a relações-públicas, socialite e assessora de senador (biônico) Lygia Leite de Camargo, o poder é cruel com quem não faz mais parte dele. Numa cidade onde o poder é ostensivo e quem o tem não perde a sublime oportunidade de ostentá-lo, o ostracismo é amargo e melancólico.

— Aqui — diz Lygia — as pessoas são convidadas para festas e solenidades sem que saibam por quê, acostumam-se, acham que vai durar a vida inteira e de repente, da mesma forma como surgiram, desaparecem, deixam de ser convidadas, só então percebem que foram usadas e não interessam mais.

Lygia, que não tem posses, mas orgulha-se de ser uma das mulheres mais bem relacionadas da cidade, vive de propiciar encontros, enquanto assessorá freneticamente o gabinete do quase sempre ausente senador biônico Amaral Furlan, de São Paulo.

No seu esquecido gabinete, há sobre a mesa uma velha revista semanal — dezembro de 1980 — com a seguinte notícia de capa: "Após a queda de Petrônio Portela, um governo sem paz". Mas não há mortos, muito menos pô e passado na cadereta de endereços da vibrante Lygia Camargo. Alguém precisa ser citado numa coluna social? Ela consegue. Alguém deseja comprar ou alugar um palácio no Lago? Ela faz o contato.

Frenética, ágil, embora um tanto desorientada e confusa, ela é o perfeito exemplo de como alguém pode ser bem-sucedido nesta Cidade só por conhecer as pessoas. No enterro de um general, no casamento de um figurão ou na encontro da noite da

boate Corte, ela está sempre sorrindo e beijando as pessoas.

— Vivo num mundo diferente, tão fora de minhas condições financeiras... — diz Lygia, com um candido sorriso. — Parece um sonho. No casamento de minha filha, reuni o presidente da República, muitos ministros e cinco governadores. Se eu vivesse em São Paulo, não haveria nada disso, eu seria apenas uma pobre mulher anônima.

Se esta Cidade é pródiga com os poderosos do dia, ou com seus fiéis cortesãos, como Lygia, costuma ser realmente cruel com os que tiveram o poder um dia mas não souberam acompanhar os novos tempos. No enterro do general Mário Gomes, no início de abril — uma segunda-feira úmida e calorenta — pouco mais de 50 pessoas acompanharam ao Campo da Esperança o velho pioneiro morto aos 84 anos, ex-deputado federal, ex-interventor de Getúlio Vargas no Paraná e ex-presidente da Codebrás, o poderoso organismo que, nos primórdios da Cidade, distribuía casas, apartamentos funcionais e terrenos, fincando os alicerces dos privilégios que desde então passaram a ser doados à tecnocracia.